

FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

PEDIÁTRICAS E NEONATAIS

Edição XXV

Capítulo 14

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA COQUELUCHE EM CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS NO BRASIL

CYNTHIA MOCHNACK SMADESKI¹
GIHANY HASSAN TAWFIK¹
ISADORA RODRIGUES SANTANA DA SILVA¹
JULIA FERREIRA DA SILVA PLAUSKA¹
NATHALIA DELECRODE DE OLIVEIRA¹
JONATHANS JUAN LIMA SILVA¹
MILENA CORAL FERNANDEZ SOMENZARI¹
RAYANNE ALVES FREITAS SANTOS¹
MARCELO HADDAD FILHO¹
MARIA LUIZA DE PAULA PEREIRA¹

¹Discente - Medicina na Universidade Nove de Julho

Palavras-chave: Coqueluche; Epidemiologia; Disparidades Regionais

DOI

10.59290/2041625540

EP EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

A coqueluche, também conhecida como tosse comprida, é uma infecção respiratória bacteriana aguda de alta transmissibilidade, causada pela *Bordetella pertussis*. A doença se caracteriza por crises intensas de tosse seca, que podem evoluir para episódios de vômito, dificuldade respiratória e cianose. Seu impacto é mais significativo em crianças menores de 5 anos, especialmente nos lactentes com menos de 1 ano, que ainda não completaram o esquema vacinal primário e, portanto, estão mais suscetíveis às formas graves e complicações. Segundo o Ministério da Saúde, "a coqueluche é uma das principais causas de morte por doenças imunopreveníveis em crianças" e apresenta risco aumentado de hospitalização e óbito nessa faixa etária (BRASIL, 2023a).

A transmissão ocorre por meio de gotículas expelidas durante a tosse ou espirro de pessoas infectadas, sendo extremamente contagiosa, com taxa de transmissão que pode chegar a 90% entre contatos domiciliares não vacinados (BRASIL, 2025). O período de incubação varia entre 7 e 10 dias, podendo se estender até 21 dias, e a evolução da doença é dividida em três fases clínicas: catarral (semelhante a um resfriado comum), paroxística (marcada pelas crises de tosse) e convalescente (com melhora gradual dos sintomas). O diagnóstico é essencialmente clínico, sendo complementado por exames laboratoriais, como cultura, reação em cadeia da polimerase (PCR) e sorologia (BRASIL, 2023a).

Apesar da introdução da vacina contra *Bordetella pertussis* no Programa Nacional de Imunizações (PNI) ter reduzido drasticamente a incidência da doença, surtos ainda são registrados. A proteção depende não apenas da vacinação infantil, mas também da imunização de gestantes, que oferece proteção passiva ao recém-

nascido por meio da transferência de anticorpos pela placenta. O Ministério da Saúde recomenda que "todas as gestantes recebam uma dose da vacina dTpa a cada gestação, a partir da 20ª semana" (BRASIL, 2022), estratégia que tem se mostrado eficaz na redução de casos graves e hospitalizações.

Dados do SINAN demonstram que a maioria dos casos confirmados de coqueluche concentra-se em menores de 1 ano de idade, justamente a faixa etária ainda não plenamente imunizada (BRASIL, 2025a). Além disso, informações do SIH/SUS revelam que as internações hospitalares por coqueluche em menores de 5 anos representam uma preocupação constante nos serviços de saúde (BRASIL, 2025b). Essas evidências reforçam a importância da cobertura vacinal adequada e da vigilância ativa para identificação precoce de casos.

Diante desse cenário, torna-se essencial a vigilância epidemiológica contínua, o fortalecimento dos centros de diagnóstico e tratamento, e a implementação de estratégias eficazes de prevenção, com foco especial em populações de maior risco. O monitoramento de indicadores regionais e nacionais permite identificar desigualdades na distribuição da doença, subsidiando políticas públicas de saúde mais equitativas e eficientes (BRASIL, 2024; BRASIL, 2025).

Assim, este estudo teve como objetivo analisar o perfil epidemiológico da coqueluche em crianças brasileiras de 0 a 4 anos entre abril de 2020 e abril de 2025, utilizando dados secundários do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). A investigação busca compreender as disparidades regionais em internações e notificações da doença, contribuindo para o estudo de estratégias de prevenção mais eficazes e a promoção da equidade no cuidado pediátrico em saúde pública.

MÉTODO

Trata-se de um estudo epidemiológico, quantitativo, descritivo e retrospectivo, realizado a partir de dados secundários dos sistemas oficiais do Ministério da Saúde: Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) e Sistema de Informação de Agravos de Notificação

(SINAN). Foram incluídos dados de internações hospitalares por coqueluche (CID-10: A37) e de casos confirmados, estratificados por região do país e faixa etária (<1 ano e 1 a 4 anos). O foco principal foi a quantificação das disparidades regionais abrangendo as internações e notificações da coqueluche no contexto brasileiro (**Tabela 14.1**).

Tabela 14.1 Tabela sobre a metodologia

FONTES DE DADOS	Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)
POPULAÇÃO	Crianças de 0 a 4 anos de idade
PERÍODO	Abril de 2020 a abril de 2025
DOENÇA INVESTIGADA	Coqueluche
FOCO DA ANÁLISE	Avaliação regional internações e notificações

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2020 e 2025, o Brasil registrou 3.854 casos confirmados de coqueluche em crianças menores de 5 anos, segundo dados do SINAN. A distribuição regional revelou maior concentração de casos na Região Sudeste (1.613 casos), seguida pelas regiões Sul (1.303), Nordeste (569), Centro-Oeste (283) e Norte (86). A faixa etária mais acometida foi a de menores de 1 ano, que representaram 61,6% dos casos (2.376), enquanto as crianças de 1 a 4 anos somaram 1.478 notificações (**Gráfico 14.1**).

Já os dados de internações por coqueluche no mesmo período, obtidos através do SIH/SUS, contabilizaram 1.842 hospitalizações em menores de 5 anos. A Região Sudeste também liderou com (786) internações, seguida pela Nordeste (401), Sul (385), Norte (156) e Centro-Oeste (114). Assim como observado nos dados de notificação, a maioria das internações ocorreu em crianças com menos de 1 ano (1.546), totalizando 83,9% das hospitalizações (**Gráfico 14.2**).

Ao comparar as notificações e internações, nota-se uma discrepância significativa entre os números absolutos e relativos por região. A Região Sudeste, embora lidere em notificações (1.613), apresenta uma taxa de hospitalização de aproximadamente 48,7% em relação ao total de casos notificados. Por outro lado, a Região Nordeste, com apenas 569 notificações, apresentou 401 hospitalizações, resultando em uma taxa de internação proporcionalmente mais alta (70,5%). Este achado pode indicar subnotificação de casos leves ou maior gravidade clínica nos quadros evolutivos da doença na região.

Outro destaque é a Região Norte, que, apesar de apresentar o menor número de casos confirmados (86), registrou 156 hospitalizações, refletindo uma taxa de internação superior a 181% em relação ao número de notificações. Essa desproporção pode estar relacionada a fatores como deficiência na cobertura da atenção primária à saúde, diagnóstico tardio, subnotificação e dificuldades no acesso ao serviço ambulatorial, o que resulta em maior número de internações hospitalares por casos que poderiam ter sido manejados precocemente.

Portanto, os dados evidenciam não apenas a predominância da coqueluche em crianças menores de 1 ano, mas também importantes desigualdades regionais, tanto na detecção quanto no manejo clínico da doença. Essas disparidades apontam para a necessidade urgente de fortalecimento das ações de vigilância epidemiológica, ampliação da cobertura vacinal e melhoria da estrutura dos serviços de atenção primária e hospitalar, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país (**Gráfico 14.3**).

Gráfico 14.1 Casos Confirmados por região

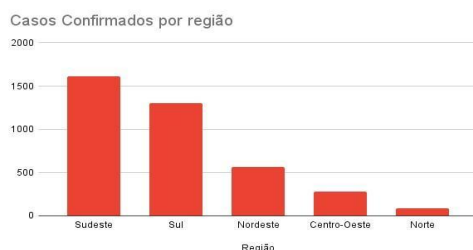


Gráfico 14.2 Internações por Região

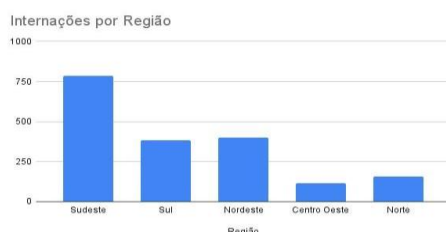
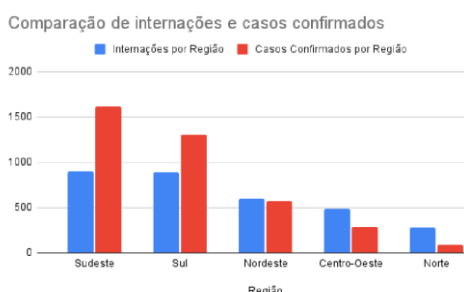


Gráfico 14.3 Comparação de internações e casos confirmados



CONCLUSÃO

A análise dos dados sobre coqueluche em crianças brasileiras menores de 5 anos, entre abril de 2020 e abril de 2025, evidencia importantes desigualdades regionais na notificação e nas internações hospitalares pela doença. Apesar da maior concentração de casos confirmados e internações na Região Sudeste, as regiões Norte e Nordeste apresentaram taxas proporcionais de hospitalização significativamente mais elevadas, sugerindo subnotificação, atraso no diagnóstico ou falhas no acesso à atenção primária. A população mais acometida foram os lactentes menores de 1 ano, refletindo sua maior vulnerabilidade e a importância da vacinação precoce, inclusive materna, como estratégia de proteção. O achado de taxas de internação superiores ao número de notificações em algumas regiões, especialmente no Norte, revela fragilidades na vigilância epidemiológica e na estrutura de atenção básica, comprometendo a detecção oportuna e o manejo adequado dos casos. Esses dados reforçam a urgência de políticas públicas que garantam equidade no acesso à prevenção, diagnóstico e tratamento da coqueluche em todo o território nacional. A ampliação da cobertura vacinal, o fortalecimento da atenção primária e a qualificação da vigilância são medidas fundamentais para reduzir a morbimortalidade infantil por doenças imunopreveníveis e promover um sistema de saúde mais justo e eficiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Coqueluche. Brasília: Ministério da Saúde, 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/coqueluche>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. TABNET - Informações de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Técnica nº 02/2022 – Recomendações para vacinação de gestantes com dTpa. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/v/vacinas>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Casos confirmados de coqueluche por faixa etária. Brasília: Ministério da Saúde, 2025a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/sinan>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. SIH/SUS – Sistema de Informações Hospitalares. Internações por coqueluche em menores de 5 anos. Brasília: Ministério da Saúde, 2025b. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sih/cnv/niuf.def>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde de A a Z: Coqueluche. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/coqueluche>. Acesso em: 21 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS: Sistema de Informações de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://tabnet.datasus.gov.br>. Acesso em: 21 mar. 2025.